

A FORMAÇÃO E O CONHECIMENTO DOS GRADUADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA BACHARELADO PARA ATUAR COM CADEIRANTES EM ACADEMIAS

Leandro Silva Vargas¹
João Francisco Pereira Neto²
Nathan Ono Carvalho³
Renata Martinatti Ferracini⁴

RESUMO

Este estudo buscou identificar a percepção dos profissionais de Educação Física que atuam em academias, sobre a sua formação específica para a atuação com cadeirantes. A formação do profissional é de suma importância para a carreira, pois é a partir desta jornada que se adquire experiências para desenvolver um papel de transmissor de conhecimento. A revisão teórica foi estruturada em três capítulos, Deficiência; Academias de Ginástica e Musculação e O Profissional de Educação Física. A pesquisa foi estruturada através de uma metodologia de caráter qualitativo exploratório, que foi realizada em duas academias de Porto Alegre com oito profissionais. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada. A pesquisa revelou que os profissionais possuem uma percepção de que sua formação acadêmica não é suficiente para um exercício profissional qualificado com o público cadeirante, no campo da musculação. Além disso, revelou também que são necessárias ações relativas aos currículos, no que diz respeito às disciplinas específicas para atuação neste campo e estágios. Com isso é importante uma reflexão acerca da formação do profissional de Educação Física, em especial com as pessoas deficientes.

PALAVRAS-CHAVES: Cadeirantes, Musculação, Formação Profissional

INTRODUÇÃO

As dificuldades que os cadeirantes encontram na sociedade ainda são grandes. Isso se evidencia em contextos como locomoção, falta de transporte adaptado, faixadas das calçadas e na própria exclusão da sociedade que impossibilita a realização diferentes atividades como as físicas, por exemplo.

¹ Centro Universitário Metodista - IPA

² Centro Universitário Metodista - IPA

³ Centro Universitário Metodista - IPA

⁴ Centro Universitário Metodista - IPA

O Censo de 2010 (IBGE 2010) apresenta dados que demonstram que no Brasil existem 45.606.048 de pessoas que declararam ter deficiência, tais como auditiva, visual ou motora, correspondendo 23,9% da população brasileira. Dessas pessoas, 38.473.702 se encontravam em áreas urbanas e 7.132.347, em áreas rurais.

No contexto da Educação Física e esportivo, podemos verificar empiricamente uma deficiência na estrutura de academias, clubes, parques, e outros espaços, limitando o acesso destas pessoas para usufruir dos benefícios que o esporte e a atividade física poderiam ofertar. Também se observou uma possível ausência de conhecimento dos profissionais da área de Educação Física que pudesse possibilitar o trabalho adequado com cadeirantes e, por isso, esse campo de atuação, por vezes, acaba deixando de lado as pessoas com deficiências, assim como os profissionais que acabam por especializar-se em outras áreas.

Nesse contexto, esta pesquisa propôs investigar qual a percepção dos profissionais de Educação Física que atuam em academias, sobre a sua formação acadêmica específica para o desenvolvimento de trabalho com cadeirantes.

O objetivo primário foi verificar qual é a percepção dos profissionais de Educação Física de academias sobre a sua formação acadêmica específica para o desenvolvimento de trabalho com cadeirantes e os secundários, investigar se os profissionais receberam oferta de disciplinas, específicas para o atendimento à cadeirantes em seus currículos de graduação; a qualificação e experiências para trabalhar e auxiliar cadeirantes nas academias e verificar o seu nível de segurança para trabalhar e auxiliar cadeirantes nas academias.

Assim, este estudo organizou-se em três capítulos, a Deficiência, as Academias de Ginástica e Musculação e o Profissional de Educação Física.

DEFICIÊNCIA

Bier (2010) aborda três diferentes formas em que pode ocorrer à deficiência: a física, a neurológica ou a metabólica. Independentemente dessa forma ambas possuem em suas perspectivas a dificuldade sensorial, multi sensorial e física, apresentam perdas definitivas ou graves em menores níveis.

O Decreto nº 5.296 de Dezembro de 2004, em seu capítulo II ressalta sobre o atendimento prioritário, onde além da regulamentada a Lei nº 10.690, de 16 de junho de 2003,

em seu artigo 5º estabelece, uma categorização para as pessoas que são portadoras de uma deficiência e que possuem alguma incapacidade ou limitação para desenvolver atividades (BRASIL, 2003). Quais sejam:

a) deficiência física: quando se apresentam alterações corporais parcial ou completa que implique em limitação de movimentos e suas funções. Neste caso enquadram-se a paraplegia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, entre outros;

b) deficiência auditiva: onde há uma perda total ou parcial da audição, unilateral ou bilateralmente, a partir de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000hz E 3.000Hz;

c) deficiência mental: que se manifeste antes dos dezoito anos de idade com limitações agregadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas e funcionamento intelectual é significante inferior a média;

d) deficiência visual: cegueira, onde a acuidade que é uma característica do olho de reconhecer dois pontos muito próximos deve ser igual ou menor que 0,05 em seu olho de melhor visão; baixa visão, onde a acuidade visual deve ficar entre 0,3 e 0,05 em seu melhor olho; com a qual a somatória da medida do campo visual de ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea das condições anteriores;

e) deficiência múltipla: duas ou mais deficiências.

Diehl (2008) complementa afirmando que as pessoas que possuem uma deficiência física, apresentam no seu desenvolvimento motor um comprometimento para realizar movimentos simples como: caminhar, correr, saltar, pular, etc.

AS ACADEMIAS DE GINÁSTICA E MUSCULAÇÃO

Durante a Segunda Guerra Mundial, os americanos perceberam que o condicionamento físico de seus estudantes neste período não era adequado e que estes deveriam realizar um programa mais rígido de atividades físicas que não por meio de jogos e esportes.

Com o término Guerra, começaram a surgir outros fatores como as doenças cardíacas e obesidade, que para a saúde pública tornou-se economicamente muito cara. Assim, foram

surgindo pesquisas que durante a década de 1960 propuseram mudanças na consciência e no condicionamento físico das pessoas.

Após essa febre das corridas, surgiu a dança aeróbica, uma mistura eclética de várias combinações da dança e exercícios calistênicos, Nieman e Barbanti (2011) complementam afirmando que as décadas de 1970 e 1980, até a década de 1990 foi o auge do movimento fitness. Durante a evolução das aulas aeróbicas, seu estilo foi modificando, passando a ser mais coreografado, logo o público masculino perdeu o interesse surgindo o conceito de academias.

Os autores acreditam que as academias como as que conhecemos hoje, evoluíram a partir de 1970, porém havia falhas no gerenciamento, pois os profissionais não possuíam uma formação específica e, assim as academias estavam sempre lotadas e os serviços eram poucos.

Para realizarem um maior controle e qualidade do movimento fitness, segundo Nierman e Barbanti (2011):

[...] as universidades desenvolveram sofisticados programas de graduação, e vários grupos profissionais fornecem certificação e contínuos programas educacionais. Em 1988, a International Racquet and Sportsclub Association (IHRSA) e um grupo do setor de academias adotaram um código de conduta e, em 1993, estabeleceram uma relação de critérios mínimos. [...] Em 1997, o ACSM divulgou uma lista revisada de normas e diretrizes para instalações da área de saúde e fitness (NIERMAN E BARBANTI, 2011, p. 11).

Conforme Capinussú (2005), a academia na versão brasileira, relacionada aos exercícios físicos surgiu como uma prática comercial, a partir de iniciativas variadas. Historicamente as academias de ginásticas podiam ser entendidas como Entidades de Condicionamento Físico, Iniciação e Prática Esportiva de Cunho Privado.

O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Para que se tenha um melhor entendimento sobre o estudo, se faz necessário realizar uma breve reflexão sobre os profissionais de Educação Física, quais são as disciplinas específicas que são estudadas durante a sua graduação e em quais áreas este profissional pode trabalhar, inclusive com pessoas com necessidades especiais e, nesse caso com cadeirantes.

Segundo Carreiro (2007) o profissional de Educação Física deve apresentar conhecimentos fisiológicos, biomecânicos, anatômicos, bem como antropológicos, filosóficos

e pedagógicos. Para o autor, como educadores se deve priorizar os aspectos biológicos e psicossociais, desenvolvendo mudanças na saúde e em suas atividades diárias.

Fonsenca et al. (2007) contribui afirmando que:

Por ter um vasto campo de estudo, entendemos que a intervenção profissional deva ser observada por uma visão mais ampla de sua realidade, através da captação das influências e interferências subjacentes ao campo profissional. Nessa perspectiva, o processo pelo qual o profissional de Educação Física obtém, transforma e intervém com seus conhecimentos, passa por modificações resultantes de sua própria história de vida, do contexto no qual está inserido e do tipo de formação ao qual foi submetido (FONSENCA ET. AL, 2007, p. 152).

Esse contexto está presente também no pensamento de Tardif (2000) para quem os saberes dos professores são variados e provem de diversas fontes, entre elas a cultura pessoal adquirida durante sua vida e sua cultura escolar. Neste sentido, pelos conhecimentos e experiências adquiridas durante a universidade. Logo, o profissional depois da sua formação se apoia nos conhecimentos curriculares, e se baseia em seu próprio saber conquistado durante as suas experiências, sendo que estes saberes só serão adquiridos através do tempo e da prática.

Segundo Fonsenca et al. (2007):

Por considerarmos que a formação acontece de maneira contínua e não apenas na graduação ou em pós-graduações, mas sim através de toda e qualquer experiência vivenciada pelo profissional, como por exemplo com seus alunos, em cursos ou mesmo com sua família, é de grande importância que existam estudos sobre a intervenção que abordem questões mais próximas da realidade do profissional (FONSENCA ET AL., 2007, p. 153).

Diante disto, pode-se constatar que a formação do profissional de Educação Física ocorre através do seu conhecimento e das vivências práticas durante seus estudos, sendo de grande importância para as suas escolhas. As matrizes curriculares possuem uma intervenção muito importante para o graduando e, empiricamente, deveria abranger todos os conhecimentos específicos como esportes, patologias e deficiências, entre outros, ofertando um leque de oportunidades para os seus alunos.

Tardif (2003) complementa essa ideia correlacionando às experiências do trabalho, onde os saberes são um dos fatores constituintes para o alicerce da prática e da competência profissional, pois a experiência é, para o professor, condição para a aquisição e produção dos seus próprios saberes, ou seja, ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes,

reutilizando no trabalho para adapta-los e transforma-los para o desenvolvimento, construção, prática e metodologia do profissional.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O Curso de Educação Física passou por um processo de transformação quando deixou de ser considerado de habilitação plena e foi dividido em Licenciatura e Bacharelado.

Segundo Benites, Neto e Hunger (2008):

A criação do Bacharelado foi uma conquista em 1987, visando sedimentar um corpo de conhecimento que desse maior legitimidade à própria profissão em seu processo de profissionalização. Essa mudança provocou um divisor de águas no sentido de se produzir a profissão e a área de conhecimento Educação Física. No entanto, em muitos cursos dessa área, se não na maioria, adotou-se a “perspectiva” de Licenciatura ampliada, ou seja, formavam-se profissionais para atuar tanto no espaço escolar quanto no não escolar em virtude da abrangência do seu campo de atuação, colocando em questão esse problema. Esse fato pode ser considerado um fator determinante, no processo histórico, sobre a formação de professores da Educação Física (BENITES, NETO, HUNGER, 2008, p.345).

Os currículos dos Cursos de Educação Física, como em outros cursos, passam por constantes modificações, com o intuito de aprimorar e aprofundar os conteúdos em suas disciplinas e para complementar o conhecimento de seus graduandos. Assim, as disciplinas de estágio curricular e as práticas desenvolvidas são de grande importância para a construção do conhecimento teórico – prático.

Além disso, entende-se, que as matrizes curriculares possam apresentar disciplinas variadas, que englobam diversos campos da área da Educação Física, porém, no âmbito das necessidades especiais com foco nas academias, acredita-se que possa haver uma falha nessa oferta, assim como na área de práticas específicas como estágios obrigatórios e musculação.

Pires (2012) em suas análises verificou que a maioria dos professores de Educação Física afirma ter realizado apenas uma disciplina específica sobre deficiência física e necessidades especiais em sua graduação.

Diehl (2008) relata que no Brasil, o interesse e discussão por este tema surgiram entre os anos de 1980 a 1990, e teve o seu reconhecimento através da Resolução n. 03/87 do CFE. Ainda assim, se percebe que as universidades apresentam um grande déficit de disciplinas que abordem os esportes, recreação e atividades corporais expressivas com pessoas com deficiência, em especial as direcionadas ao lazer, desempenho motor, saúde e rendimento.

METODOLOGIA DE PESQUISA E ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esse estudo, que possui natureza qualitativa, foi desenvolvido em duas academias de Porto Alegre com oito professores de musculação, foi aprovado pelo parecer 482.257 na Plataforma Brasil do sistema CEP/CONEP, pois todos os procedimentos éticos foram adotados para a realização do mesmo.

Essa amostra de oito profissionais foi escolhida de forma intencional conforme a perspectiva Fletcher e Fletcher (2006), para quem esse tipo de amostra pode ser utilizada quando a população investigada é de difícil acesso ao pesquisador, tal quais as questões de conhecimentos, acessibilidade e prática de atividades físicas de cadeirantes que este estudo pretende desenvolver.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas de forma a se responder a problemática de pesquisa.

Para a análise dos dados foi utilizada a técnica da Análise e Conteúdo de Bardin (2011), observando-se a pré-análise, a exploração do material e por ultimo, no tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, permitindo-se realizar a organização prévia dos dados, a codificação, a categorização e, finalmente a análise propriamente dita.

As categorias de análise utilizadas foram formuladas a partir dos objetivos da pesquisa, juntamente com o referencial teórico e com os temas formulados durante o processo de organização desses dados, permitindo que aspectos relevantes fossem incorporados a essa análise.

As três categorias formuladas para essa análise foram: A formação acadêmica, a percepção e a abordagem ao campo da deficiência; A segurança e a aptidão sobre a formação e atendimento à cadeirantes; O Conhecimento e a competência para atuação profissional no campo da deficiência.

A FORMAÇÃO ACADÊMICA, A PERCEPÇÃO E A ABORDAGEM ESPECÍFICA AO CAMPO DA DEFICIÊNCIA.

Na abordagem à essa categoria foram utilizadas questões relativas às disciplinas ofertadas durante a graduação com relação ao desenvolvimento de trabalhos, práticas,

experiências, vivências com pessoas portadoras de alguma deficiência e especificamente com cadeirantes na disciplina de musculação. Foram identificados nas falas dos entrevistados que a oferta de disciplina, no campo do desporto adaptado ainda é insipiente.

“Somente a disciplina de Desporto Adaptado, mas que não houve um trabalho muito contínuo a respeito disso, a gente não teve muito contato com esse público.” (05/03/2014) Entrevistado D.

“A disciplinas de PNES e um dos estágios obrigatórios do bacharelado da PUCRS, tive atividades aquáticas para PNES, onde trabalhei com autistas, deficiente mental leve e outras.” (11/03/2014) Entrevistado A.

Os dados remetem à uma ideia de que os entrevistados, durante a sua graduação receberam a oferta de disciplina específica e, inclusive que outras disciplinas de uma forma indireta também abordaram este tema. Porém, verifica-se que existe um descontentamento dos sujeitos sobre a metodologia aplicada e pela falta de contato com este público. Para Pires (2012) a grande maioria dos professores de Educação Física a formação específica no campo das necessidades especiais ainda é pouco explorada, apesar de relevante em sua formação.

Para FONSENCA et al. (2007) a intervenção do profissional deve ser balizada por uma maior amplitude da realidade e sob a influência e interferências que estão subjacentes ao campo profissional, o que os dados não demonstram ser uma realidade.

Nessa perspectiva, o processo pelo qual o profissional de Educação Física obtém, transforma e intervém com seus conhecimentos, passa por modificações resultantes de sua própria história de vida, do contexto no qual está inserido e do tipo de formação ao qual foi submetido (FONSENCA ET. AL, 2007, p. 152).

Ainda sobre a questão das disciplinas ofertadas especificamente a abordagem da Musculação, os dados evidenciam que a ação pedagógica com foco nos PNEs é praticamente inexistente.

“Abordagem nenhuma, cadeirantes e especiais no geral” (06/03/2014) Entrevistado E.

Isto indica que possa existir uma determinada falta de capacitação para o exercício profissional dentro dessa especificidade e conforme Pires (2012)

[...] para atender o público com deficiência física, especificamente deficientes físico-cadeirantes, não foi encontrado na literatura conhecimento específico que o

profissional deva ter para trabalhar com esta população dentro das academias, apenas algumas considerações de se trabalhar com esse público dentro das escolas (PIRES, 2012, p. 31)

Além disso, tal situação pode indicar que os alunos das faculdades de Educação Física Bacharelado recebem pouca orientação, treinamento específico, atendimento, material teórico e vivências práticas para desenvolver as atividades com cadeirantes nas academias, na disciplina de Musculação.

Para Tardif (2000) os saberes dos professores são variados e provem de diversas fontes: a cultura pessoal, a cultura escolar e os conhecimentos e experiências adquiridas durante a universidade. Por isso, o profissional se apoia nos conhecimentos curriculares, e se baseia em seu próprio saber, sendo que este saber só será adquirido através do tempo e da prática.

Nota-se que os alunos que não tiveram em sua formação algum contato, vivência ou experiência em qualquer disciplina na faculdade com a questão da deficiência poderá não ter desenvolvido um bom embasamento dificultando o processo de construção desses saberes.

Em relação ao aprofundamento deste tema com as práticas ofertadas durante a graduação os dados demonstram que esta questão também encontra-se deficitária. “Acredito que parte da carga horária de cada disciplina prática poderia ser destinada a apresentação e uma vivência com esta população, ao invés de apenas uma disciplina durante todo o curso” (13/03/2014) Entrevistado C.

Fonsenca et al. (2007) acreditam que:

Por considerarmos que a formação acontece de maneira contínua e não apenas na graduação ou em pós-graduações, mas sim através de toda e qualquer experiência vivenciada pelo profissional, como por exemplo, com seus alunos, em cursos ou mesmo com sua família, é de grande importância que existam estudos sobre a intervenção que abordem questões mais próximas da realidade do profissional (FONSENCA et al., 2007, p. 153).

Por isso, os profissionais, mesmo os que já tiveram algum contato com pessoas que possuem deficiência física, acreditam que essa temática deva ser abordada em qualquer disciplina que possa desenvolver algum trabalho com esses sujeitos, pois relacionar aspectos teóricos com as práticas favorece aos alunos em sua formação e qualificação.

A SEGURANÇA E A APTIDÃO SOBRE A FORMAÇÃO E ATENDIMENTO À CADEIRANTES

Sabe-se que o Curso de Educação Física passara por transformações quando foi dividido em Licenciatura e Bacharelado. Acredita-se que essa transformação abriu oportunidades para que se pudessem adquirir conhecimentos mais específicos, aprofundar e aprimorar seus conteúdos em diversas disciplinas. Diante disto, a formação profissional deveria incluir todo o tipo de atendimento, incluindo pessoas com deficiência.

A partir das disciplinas ofertadas, os entrevistados demonstram pouca segurança para a atuação quando questionados sobre a sua aptidão e segurança após a sua formação para trabalhar com cadeirantes.

“Não me sinto apto, pois nunca tive esta prática. Tudo o que fazemos pela primeira vez é difícil de dizer se vai ser bem feito ou se vai ser seguro. Procuraria em fazer o meu trabalho com o máximo de segurança, mas são muitas peculiaridades que só na prática aprendemos” (13/03/2014) Entrevistado C.

Percebe-se que os entrevistados demonstram não possuir prática ou conhecimento teórico, não se considerando aptos e seguros para trabalhar com cadeirantes, pois não receberam nenhuma vivência durante este período.

Segundo FONSENCA et al. (2007):

Por considerarmos que a formação acontece de maneira contínua e não apenas na graduação ou em pós-graduações, mas sim através de toda e qualquer experiência vivenciada pelo profissional, como por exemplo com seus alunos, em cursos ou mesmo com sua família, é de grande importância que existam estudos sobre a intervenção que abordem questões mais próximas da realidade do profissional (FONSENCA et al., 2007, p. 153).

Pode-se constatar que a formação do profissional de Educação Física ocorre através do seu conhecimento e das vivências práticas vividas durante seus estudos e isso é de grande importância para as suas escolhas. Acredita-se que quando o aluno possui algum conhecimento, facilita o desenvolvimento da construção do saber que ele adquiriu para colocar em prática quando for necessário.

Neste sentido, na atualidade, é necessário saber se estes sujeitos nos dias de hoje ainda sentem-se aptos depois de sua graduação, logo se evidenciam as seguintes falas:

“Não, acho que depende de cada patologia, mas não.” (06/03/2014) Entrevistado E.

Os dados sugerem que os sujeitos atualmente ainda não se sentem aptos para trabalhar com cadeirantes e teriam que realizar alguma pesquisa, algum embasamento para que consigam desenvolver esse trabalho. Este saber deve estar em constante atualização, pois sabemos que na faculdade/universidade, muitas vezes o conhecimento se dá de forma superficial sobre muitos conteúdos, e que ao longo da nossa jornada sempre estaremos nos atualizando, assim como os próprios conhecimentos.

Mesmo que grande parte dos entrevistados demonstrem não possuir aptidão e segurança para lidar com este público, ainda sim é importante sabermos a sua percepção sobre a formação para realizar o atendimento para cadeirantes. Em função disto para Tardif (2000) a formação dos professores sobre as concepções e as práticas vigentes em relação a sua formação docente possui algumas considerações, onde em primeiro lugar ele acredita no reconhecimento do profissional diante das suas competências e saberes, pouco importando se esta formação ocorre em universidades, institutos, ou outros lugares. O importante é a postura que o professor apresenta e as competências para atuar na sua área.

Ao encontro desta afirmação do autor acima, identificou-se as seguintes respostas dos entrevistados “A”, “B” e “D”, no momento em que foram questionados sobre o atendimento a cadeirantes:

“Eu sei respeitar as imitações, gosto, sou criativo e tenho experiência, que faz toda a diferença para um bom atendimento” (11/03/2014) Entrevistado A.

“Sempre falo que na faculdade aprendemos a teoria, as vezes bem superficial, aprendemos mesmo na prática, vivenciando as situações. Como nunca trabalhei com cadeirantes acho minha formação bem superficial” (12/03/2014) Entrevistado B.

“Acho que quando surgir a oportunidade para realizar algum atendimento, tenho que ser atencioso, demonstrar segurança” (05/03/2014) Entrevistado D.

De acordo com a fala destes profissionais, verifica-se que quem possui alguma experiência sempre terá mais facilidade para um bom atendimento, porém o profissional que não possui, sempre deverá apresentar postura, não sentir vergonha e pedir ajuda e estudar sobre essas limitações.

Assim, pode-se relacionar nas questões sobre aptidão, segurança e formação um déficit de conhecimento para atuar com cadeirantes em academias. Pires (2012) coloca em relação à capacitação dos profissionais da Educação Física que:

[...] para atender o público com deficiência física, especificamente deficientes físico-cadeirantes, não foi encontrado na literatura conhecimento específico que o profissional deva ter para trabalhar com esta população dentro das academias, apenas algumas considerações de se trabalhar com esse público dentro das escolas (PIRES, 2012, p. 31).

O CONHECIMENTO E A COMPETÊNCIA PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO CAMPO DA DEFICIÊNCIA

Esta categoria foi criada para podemos compreender o conhecimento dos profissionais entrevistados com relação ao tema sobre a deficiência e sua atuação profissional. A deficiência é muito ampla e, diante disto, as respostas dos entrevistados abrangem somente as causas mais comuns que podem levar um sujeito a tornar-se um cadeirante:

“São acidentes de carro em geral, também por questões genéticas, mas em geral acidentes que lesam a medula espinhal” (11/03/2014) Entrevistado A.

“Acredito que os acidentes de carro ou motos sejam s principais causas” (13/03/2014) Entrevistado C.

“Acidentes de transito, por lesões causadas na coluna” (02/04/2014) Entrevistado G.

Nesse contexto, a autora Diehl (2008) acredita que as deficiências podem ser de origem articular, óssea, muscular, ou neurológica, afetando diferentes áreas motoras, onde as consequências podem afetar a prática de atividades física voluntária.

Diante disto, os entrevistados em seus conhecimentos apresentarem um bom entendimento sobre as causas mais comuns, que é principalmente as causas por acidentes e pela medula espinhal. Por sua vez, as lesões traumáticas da medula espinal ocorrem em consequência de acidentes de transportes, lesões esportivas, quedas, armas de fogo, etc, onde estas lesões se originam de esmagamentos, edema, hemorragia e infarto, amputando assim diretamente os neurônios da medula. Se estas são atingidas na medula cervical, pode ocasionar a tetraplegia. e se for abaixo da linha da cervical pode acarretar na paraplegia (LUNDY- EKMAN, 2008).

As lesões relacionadas ao traumatismo medular segundo a autora Diehl (2008), são consideradas:

[...] parte integrante do Sistema Nervoso Central (Snc), qualquer lesão ocorrida nela causa danos irreparáveis. Nossa medula é protegida por 24 vértebras subdivididas em 7 vértebras cervicais (representadas por C), com 8 pares de nervos, 12 vértebras torácicas (representadas por T), com 12 pares de nervos, e 5 vértebras lombares

(representadas por), com 5 pares de nervos. Temos também 5 vértebras sacrais, com 5 pares de nervos, e as cóccigeas, com um par de nervos (DIHEL, 2008, p. 97).

Porém, quando estes entrevistados são questionados sobre o seu conhecimento acerca das necessidades especiais dessas pessoas, foi possível verificar em suas falas que existe dois grupos com respostas distintas. Primeiro grupo:

“Não tenho o conhecimento sobre essas causas, nem sobre as necessidades especiais” (02/04/2014) Entrevistado G.

“Não, mas acho muito válido a gente ter um pouco de conhecimento em relação a isso para saber conduzir o cadeirante as suas necessidades” (06/03/2014) Entrevistado E.

“Não conheço as necessidades especiais dessas pessoas, não sei dizer do que elas precisam o que agente teria que fazer pra tratar delas da melhor maneira possível” (05/03/2014) Entrevistado D.

Segundo grupo:

“Acho que as maiores dificuldades encontradas por estas pessoas são a locomoção e dificuldades de acesso, pois vários lugares não tem suporte adequado para comportar a cadeira de rodas e o usuário.” (13/03/2014) Entrevistado C.

“O maior problema para essas pessoas é a inclusão social e para cadeirantes especificamente a acessibilidade nos lugares, restaurantes, ruas, ônibus...tem alguns mas não suficiente” (11/03/2014) Entrevistado A.

“Pouco conhecimento, mas por curiosidade minha, penso que essas pessoas necessitam de um acompanhamento, para um processo paliativo contra o atrofiamento dos membros, alguns estímulos e fortalecer as musculaturas saudáveis” (05/04/2014) Entrevistado F.

Os dados sugerem que há um conhecimento relativo acerca dessas questões das necessidades que os cadeirantes possuem durante o seu dia a dia, no seu trabalho, no seu cotidiano. Neste caso, acredita-se que não basta sabermos somente as causas mais comuns se não sabemos como ajuda-los, do que precisam, e como fazer para melhor.

A acessibilidade, a locomoção e a preocupação em cuidar da musculatura mais saudável foram citados por alguns entrevistados e que possui um papel muito importante para o cadeirante, principalmente dentro da sala de musculação, que na grande maioria não possui estrutura para recebê-los. No entanto a autora Pires (2012) percebe que na maioria das academias, um cadeirante dificilmente conseguiria realizar exercícios, não pelas possíveis adaptações e materiais disponíveis, e sim, pela falta de os espaços físicos suficientes para o seu acesso e deslocamento.

A atuação do profissional também possui uma grande influencia para desenvolver trabalhos com este público, devemos ter o conhecimento, saber as necessidades e principalmente saber como atuar com o sujeito que esta numa cadeira de rodas. Através das respostas dos entrevistados pode-se verificar que:

“Além do conhecimento específico sobre as limitações e os cuidados os quais devem se ter com esse público, deve ser um profissional cuidadoso e motivador”
(02/04/2014) Entrevistado G.

“Paciência criatividade, gostar e atende-los faz toda a diferença para um bom atendimento” (11/03/2014) Entrevistado A.

“Acredito que é necessário paciência e criatividade para adaptar os exercícios”
(05/04/2014) Entrevistado F.

Esses dados sugerem também que a grande maioria dos profissionais concorda que a paciência é um fator importante para se trabalhar com cadeirantes, sempre procurar motiva-lo e acima de tudo ter bastante criatividade, principalmente no momento onde deverão ser realizados os treinamentos, pois como dito anteriormente as academias não são aptas para receber o cadeirante, então os exercícios devem ser adaptados e criativos, sempre focando o obtivo e as limitações desse sujeito. Pires (2012) em sua analise acredita que equipamentos como halteres (pesos livres), thera bands, bastões e outros equipamentos como a utilização da roldana, são aparelhos que não são específicos para cadeirantes, porém podem ser adaptadas para a realização de exercícios.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Podemos considerar com base nos dados dessa pesquisa que os profissionais graduados em Educação Física Bacharelado, possuem em seus currículos, pelo menos uma disciplina que desenvolve a teoria e a prática sobre a questão das deficiências. Porém, estas disciplinas, em nenhum momento, demonstram abordar conteúdos que sejam específicos com relação à questão dos cadeirantes. Em sua grande maioria tais disciplinas abordam conteúdos específicos com o foco no desporto adaptado.

Do universo de sujeitos entrevistados, os dados demonstram que somente um profissional teve este tipo de experiência, vivenciando por um dia apenas o que é andar numa cadeira e rodas, porém admite-se que isto ocorra sem a profundidade necessária para o desempenho profissional.

Além disto, concluímos que, na disciplina de Musculação, ainda se carece de abordagens sobre o desenvolvimento de trabalho com pessoas com deficiências.

Dessa forma considera-se que estes profissionais devam possuir alguma falha em sua qualificação profissional, pois, demonstram, quando questionados sobre seus conhecimentos para atuar com cadeirantes em academias de ginástica, que não possuem os conhecimentos mínimos, necessários para desenvolver trabalhos com este público. Além disso, todo o conhecimento adquirido, por aqueles que o possuem, foi fruto de pesquisas e estudos complementares e não do processo de graduação.

Também se pode concluir que deva haver ainda uma determinada falta de disciplinas específicas destes conteúdos teóricos e práticos, pois o aprendizado sobre como movimentar-se numa cadeira de rodas, como deve ser feito os ajustes, adaptações e como travar uma cadeira de rodas dentro de uma sala de musculação é muito importante. Importância esta, relacionada a possibilidade de colocação em prática de tais conhecimentos, com segurança e competência.

De maneira geral, ao iniciarmos o processo de graduação, já temos em mente qual caminho que gostaríamos de seguir dentro da área da Educação Física, seja ela na licenciatura ou no bacharelado. Ao mesmo tempo são ofertados um leque de disciplinas, durante o curso, que muitas vezes não estão em acordo com o nosso interesse, mas que possuem um papel muito importante neste vasto campo.

Por isso, mesmo que estas disciplinas sejam obrigatórias, pois, fazem parte de uma matriz curricular, estas podem nos surpreender através dos seus ensinamentos e conteúdos que nem imaginávamos como seria. As vivências realizadas durante a graduação podem gerar grandes expectativas e fazer com que surjam interesses em outras áreas que nem tínhamos vontade de aprender. Se as vivências e experiências não nos forem ofertadas, como despertaremos interesse?

Diante disto, verificou-se que a grande maioria dos profissionais após a sua graduação, ainda não se encontram aptos e seguros para trabalhar com pessoas cadeirantes em salas de musculação, porque os conhecimentos não foram adquiridos focados neste tema durante o curso. Além disso, esses acadêmicos e profissionais se em algum momento se depararem com

esta situação necessitaram procurar outros recursos para a formação de um embasamento teórico e prático para auxiliá-los na construção das atividades física assim como adapta-las.

A falta de frequentadores cadeirantes nas academias é geralmente relacionada pela falta de acessibilidade destes locais, porém pode-se considerar que, para os profissionais, a falta de conhecimentos sobre este tema também poderá influenciar na falta de motivação destas pessoas. Mesmo que as academias não estejam aptas, mesmo que não se sintam seguros, tenha vergonha, um bom profissional poderá saber como agir em relação às barreiras criadas durante o cotidiano e proporcionaram para este aluno a melhor segurança possível, contudo com uma construção teórica complementar.

Portanto conclui-se que a percepção deste profissional sobre a sua formação acadêmica é de que esta ainda é falha no sentido de como atuar com cadeirantes em academias, influenciadas pela falta de disciplinas mais específicas sobre este tema nas matrizes curriculares e pela falta de vivências práticas com este público. Diante destes dados, sugere-se que sejam analisados novas formas de implementação abordando este tema nos currículos. E também, sejam aprofundados temas relacionados a cadeirantes sobre a falta de motivação para praticar musculação nas academias.

ABSTRACT

This study aimed at identifying the perceptions of physical education professionals working in gyms, on their specific training for the work with wheelchair users. The professional training is of paramount importance for the career, since it is through this journey that takes experience to develop the role of knowledge transmitter. The literature review was structured in three chapters, Disabilities; Bodybuilding and Fitness Centers and The Professional Physical Education. The research was structured through an exploratory qualitative methodology, which was held in two academies of Porto Alegre with eight professionals. The data collection instrument used was the semistructured interview. The survey revealed that professionals have a perception that their academic progress is not sufficient for a qualified practice with wheelchair public in the field of bodybuilding. Moreover, it also revealed that action is needed relating to curricula, with regard to the specific disciplines for action in this field and internships. Thus it is important to reflect on the training of physical education professionals, especially to persons with disabilities.

KEY WORDS: *Wheelchair, Body Building, Formation.*

RESUMEN

Este estudio buscó identificar las percepciones de los profesionales de educación física que trabajan en gyms, en su formación específica para el trabajo con los usuarios de sillas de ruedas. La formación profesional es de vital importancia para la carrera, ya que es a través de esta jornada que lleva la experiencia para desarrollar el papel de transmisor de conocimientos. La revisión de la bibliografía se ha estructurado en tres capítulos, Discapacidad; Fisicoculturismo y Fitness Centers y el profesional de Educación Física. La investigación se estructura a través de una metodología cualitativa exploratoria, que se realizó en dos academias de Porto Alegre con ocho profesionales. El instrumento de recolección de datos utilizada fue la entrevista semiestructurada. El estudio reveló que los profesionales tienen la percepción de que su progreso académico, no es suficiente para una práctica cualificada con el público en silla de ruedas en el ámbito de las gyms. Por lo tanto es importante reflexionar sobre la formación de los profesionales de la educación física, especialmente a las personas con discapacidad.

PALABRAS CLAVE: Silla de ruedas, Gyms, Formación.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa: 70, 2004.

BENITES, Larissa Cerignoni; SOUZA NETO, Samuel de; HUNGER, Dagmar. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de educação Física. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.34, n.2, p. 343-360, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v34n2/09.pdf>>. Acessado em: 10 de agosto. 2013.

BIER, Evandro. *A acessibilidade de pessoas com deficiência física em centros esportivos da cidade de Porto Alegre*. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Centro Universitário Metodista, do IPA, Porto Alegre, 2010.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004 – Regulamenta a Lei nº10.690, de 16 de junho de 2003. *Coordenadoria Nacional para integração da Pessoa com Deficiência. Acessibilidade*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Brasília: DF, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em: 08 de agosto. 2013.

CAPINOSSÚ, José Maurício. Academias de ginástica e condicionamento físico – origens. In: DACOSTA, Lamartine (Org.) *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

CARREIRO, Eduardo Augusto (Coord.); RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Gestão da educação física e esporte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, c2007.

DIEHL, Rosilene Moraes. *Jogando com as diferenças: jogos para crianças e jovens com deficiência: em situação de inclusão e em grupos específicos*. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

EKMAN-LUNDY, Laurie. *Neurociência: fundamentos para a reabilitação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FONSENCA, Rubiane Giovani; SORIANO, Jeane Barcelos; NAKAMURA, Silvia Cristina. O conhecimento do profissional de educação física e sua relação com o ambiente de trabalho durante a intervenção profissional. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 151-177, set./dez. 2007.

IBGE. *Senso demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_De_ficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf> Acesso em: 05 nov. 2013.

NIEMAN, David C.; BARBANTI, Valdir José (Coords.). *Exercício e saúde: teste e prescrição de exercícios*. 6. ed. São Paulo: Manole, 2011.

PIRES, Johana Waengertner. *A preparação das academias de ginástica para receber e atender pessoas deficientes físico- cadeirantes*. 2012. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Centro Universitário Metodista, do IPA, Porto Alegre, 2012.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5- 24, jan./fev./mar./abr. 2000. Disponível em: <http://teleduc.unisa.br/~teleduc/cursos/diretorio/apoio_5427_368/TARDIF_Saberes_profissionais_dos_professores.pdf>. Acessado em: 31 ago. 2013.

F LETCHER, Robert H.; FLETCHER, Suzanne W. *Epidemiologia clínica: elementos essenciais*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 288 p.